Com R$ 2,6 bi, Nissan vai fazer do Brasil sua base de vendas na AL

Carlos Ghosn, presidente da Renault-Nissan, anuncia nova fábrica no Rio com capacidade para produção de 200 mil carros por ano

Ana Paula Machado
amachado@brasileconomico.com.br

Com investimentos de R$ 2,6 bilhões, a Nissan do Brasil começa a estratégia de tornar o país uma base de exportação para a América Latina. O presidente mundial da aliança Renault-Nissan, Carlos Ghosn, disse que a fábrica brasileira será responsável pela produção de 200 mil veículos por ano e com isso desafogar a unidade mexicana que vai abastecer o mercado norte-americano. "No primeiro momento vamos nos focar no mercado brasileiro, mas a intenção é exportar para toda a América Latina. O México ficará por conta das vendas locais e também para os Estados Unidos, que está em um processo de recuperação", disse o executivo.

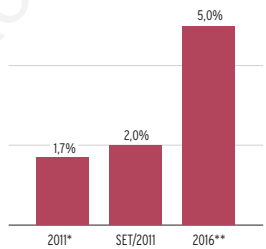
A fábrica da Nissan no Brasil vai produzir a família do March e um novo popular que será desenvolvido para o mercado brasileiro. "Uma marca que quer crescer no Brasil tem que ter produtos que sejam do gosto do consumidor. Por isso, vamos desenhar um carro popular que estará nas concessionárias em 2016", afirmou Ghosn. "Nosso objetivo não é ser conhecida como uma marca de nicho. Temos que melhorar a imagem da marca no Brasil e mostrar que temos um custo benefício melhor. Mas isso é conquistado passo a passo", acrescentou.

O plano da Nissan é deter 5% do mercado brasileiro até 2016, hoje a companhia japonesa tem 1,7% das vendas de veículos. E para se alcançar a meta, a montadora vai lançar 10 modelos, sendo quatro no segmento de entrada, que é o que mais vende no país, segundo dados na Federação Nacional dos Revendedores de Veículos Automotores (Fenabrave). Os chamados carros populares são responsáveis por cerca de 70% do mercado brasileiro. Dentro desse segmento, a Nissan lançou o March que tem preços que variam entre R$ 27 mil a R$ 35 mil. "Queremos ter produtos com preços competitivos e para isso temos que nacionalizar fornecedores. É o que pretendemos fazer na Nissan. Assim, como na Renault, a estratégia é chegar a um índice de nacionalização de 90% até 2016. Hoje, nos enquadramos na legislação para exportação no Mercosul, acima de 60%.

Montadora japonesa vai desenvolver carro popular no Brasil. Promessa é que lançamento do novo modelo ocorra em 2016

VENDAS DA NISSAN NO BRASIL

PARTICIPAÇÃO DE MERCADO



Fonte: Empresa
*acumulado no ano
**projeção

Fábrica carioca

A fábrica da Nissan no Rio está prevista para iniciar a produção no primeiro semestre de 2014. A unidade deverá criar até 2 mil empregos diretos. Segundo Ghosn, a fábrica é um passo importante na estratégia da Nissan como fabricante líder nos mercados dos Bric (Brasil, Rússia, Índia e China). Em junho deste ano, a empresa detalhou a 'Nissan Power 88', uma estratégia de médio prazo que inclui os planos de se tornar a marca asiática líder da indústria automotiva no Brasil — e quarta maior do mundo em produção.

A expansão da rede de concessionárias da Nissan no Brasil também vai contribuir muito para que a empresa tenha maior competitividade no mercado. A Nissan opera hoje com 117 lojas em todo o País e tem planos de aumentar esse número para mais de 239, até 2016. "Temos uma estratégia global e os Bric (Brasil, Rússia, Índia e China) são fundamentais para que os nossos planos se concretizem. Por isso, estamos investindo forte nesses mercados", afirmou Ghosn. "Este ano devemos produzir 8 milhões de carros no mundo. Mas, temos que aumentar esse bolo se quisermos manter nossa posição entre as três maiores montadoras do mundo", acrescentou. ■

Eike Batista, o embaixador da Nissan no Rio

Pelo menos quatro estados — São Paulo e Paraná, entre eles — disputaram a nova fábrica da Nissan. Nenhum deles, porém, tinha um cabo-eleitoral do peso de Eike Batista, como o Rio de Janeiro. "O Eike teve um papel importante na decisão pelo Rio. Primeiro, eles nos apresentou o Porto do Açu. Visitamos o local, mas o custo para a instalação da fábrica seria maior e , depois que havíamos nos decidido pelo Rio, a a escolha por Resende foi natural", disse Carlos Ghosn, presidente da Renault-Nissan.

"Com cinco telefonemas consigo chegar a quem eu quero. E foi fácil intermediar as conversas entre a Nissan e o governo do Rio. A Nissan já queria se instalar aqui, o que fiz foi mostrar as possibilidades logísticas do estado", disse o presidente do Grupo EBX, Eike Batista.

Eike, no entanto, não desistiu de levar uma montadora para o seu complexo portuário do Açu. Segundo ele, há conversas com uma fabricante de caminhão que pode vir a se instalar no local.

"A vocação do porto é por empresas pesadas e seria natural uma montadora de veículos pesados ser uma parceira. Estamos negociando. Em breve anunciaremos", afirmou o empresário que participou do anúncio oficial da nova fábrica da Nissan. ■ **A.P.M**

Antonio Scorza/AFP

Carlos Ghosn, presidente da Renault-Nissan, e o governador Sérgio Cabral: 2 mil empregos diretos no Rio de Janeiro

IMPORTADOS

Chery mantém plano de produção no país

Menos de um mês após o anúncio do aumento da alíquota do Imposto Sobre Produtos Importados (IPI) para veículos fabricados fora do Mercosul, a marca chinesa Chery afirma que os planos para a instalação de uma fábrica no país estão mantidos.

No entanto, a montadora afirmou que "alguns ajustes no procedimento de implantação poderão ser necessários", sem revelar se o montante de investimento ou o cronograma das obras serão alterados.

A Chery escolheu Jacareí, a 82 quilômetros de São Paulo, para instalar sua fábrica no país e anunciou um investimento de R$ 1,2 bilhão. A capacidade inicial será de 150 mil a 170 mil unidades por ano.

Com recursos próprios, montadora chinesa vai investir R$ 1,2 bilhão em nova fábrica em Jacareí, no interiorde São Paulo. Capacidade inicial instalada será de 150 mil a 170 mil unidades por ano

Sem parcerias

O investimento será bancado pela própria matriz chinesa, que vai abandonar a parceria com o grupo brasileiro JLJ, de Salto (SP), atual importador dos modelos Chery.

A montadora afirmou que os estudos que fundamentaram a decisão de manter a fábrica estão baseados em mercado futuro, na participação efetiva e definitiva da Chery no mercado brasileiro como um das montadoras permanente do mercado.

A companhia afirmou que seguirá as normas e determinações impostas pelo governo brasileiro, mesmo considerando as ações como um "protecionismo injustificado". ■ **Michele Loureiro**

Mais quatro navios para a frota da OGX

Fabio Rodrigues-Pozzebom/ABr

Eike Batista esteve no anúncio da nova fábrica da Nissan e falou em novos investimentos

Eike Batista anunciou ontem a encomenda de quatro navios plataformas ainda neste ano. Os investimentos somam cerca de US$ 1 bi em cada navio

Ana Paula Machado e Ricardo Rego Monteiro
redacao@brasilceconomico.com.br

A OGX, a petrolífera do Grupo EBX, vai encomendar mais quatro navios plataformas ainda este ano. Segundo o empresário Eike Batista, os investimentos em cada equipamento serão de cerca de US$ 1 bilhão. As novas encomendas serão construídas pelo estaleiro do grupo, o OSX. As primeiras plataformas foram fabricadas pelo estaleiro coreano, Hyundai.

Agora, segundo Eike, todas as embarcações serão produzidas pelas empresas do grupo e deverão ser entregues entre 2014 e 2015. "Nosso plano é ter 48 navios plataformas operando no Brasil. Cada embarcação terá capacidade de extração de 100 mil barris por dia e serão implantadas na Bacia de Campos', afirmou o executivo.

Mais barato

Segundo ele, a OSX poderá construir as plataformas com custos até 20% mais baratos que qualquer outro estaleiro. Isso porque, será uma produção "em série" o que confere escala e reduz as despesas de produção. "Provamos que a Bacia de Campos da OGX é um pólo industrial e vai entrar em produção.

Meta de produção para 2015 está parcialmente garantida, diz presidente da OGX

A nossa expectativa é que tenhamos capacidade para processar 750 mil barris por dia até 2015", disse o empresário.

Produção

Às vésperas de iniciar a produção na acumulação de Waimea (BMC-41), na Bacia de Campos, a OGX, petrolífera do empresário Eike Batista, anunciou que as descobertas da empresa nos dois últimos anos, no Brasil, já asseguram a maior parte da meta de produção projetada para 2015, de 730 mil barris/dia.

Diretor-geral da OGX, Paulo Mendonça revela que as perspectivas de produção no prospecto, considerado o carro-chefe da empresa, não se esgotam, no entanto, com a produção deste ano.

Com a segunda fase da campanha de Waimea, a partir de 2012, a empresa pretende promover novas perfurações nas camadas do pós-sal e até do pré-sal no prospecto. O diretor da OGX participou ontem do último dia da Offshore Technology Conference (OTC), no Rio. ■

Fonte: Brasil Econômico, São Paulo, 7, 8 e 9 out. 2011, Primeiro Caderno, p. 14-15.